

O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO DIAGNÓSTICO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA

Daiana Danubia Bezerra de Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa realizada como parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Pedagogia da FAVENI. Ele investiga o papel das instituições escolares no diagnóstico e aprendizagem de crianças com deficiência, com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Motivada pelo aumento nos diagnósticos de TEA, a pesquisa questiona a contribuição das escolas para o diagnóstico precoce e a inclusão dessas crianças. Defende-se a necessidade de formação continuada dos professores para identificar sinais de TEA e outras síndromes em crianças não diagnosticadas, bem como para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem pós-diagnóstico. Destaca-se a importância da inclusão escolar e o investimento na rede educacional, reconhecendo o direito à educação conforme preconizado por leis nacionais e internacionais. A pesquisa tem como objetivo responder à pergunta: Qual o papel da instituição escolar para diagnóstico e aprendizagem da criança/adolescente com TEA? E investigar a relação da instituição escolar como contribuinte para o diagnóstico precoce da criança com TEA e como contribui para o processo de ensino e aprendizagem. É uma pesquisa de base qualitativa aplicada e exploratória, conforme definido por Gil (1991) e Denzin e Lincoln (2006). Para coleta de dados, um questionário foi aplicado a um grupo de pais de crianças com autismo e/outras síndromes no município de Sumé-PB. O grupo de pais faz parte do Grupo *Atipic@s Sumé*, com o objetivo de entender a relação da escola com a criança/adolescente TEA e refletir sobre a necessidade de um ambiente acolhedor e inclusivo. O questionário, composto por 14 questões, foi enviado aos pais que concordaram em participar da pesquisa, preservando suas identidades, solicitando apenas sua identidade de gênero. O estudo examinou o impacto da escola na vida de crianças autistas, ressaltando a importância do diagnóstico precoce. Foi observada uma maior incidência de autismo em meninos. Os pais mostraram-se satisfeitos com o progresso pós-diagnóstico, mas ressaltaram a necessidade de capacitação contínua dos profissionais devido à demanda crescente. Para uma educação inclusiva de qualidade, é essencial compreender as necessidades específicas dos alunos e implementar estratégias adaptadas, levando em conta o contexto e a individualidade de cada criança.

Palavras-chave: Diagnóstico precoce; inclusão escolar; instituições escolares; transtorno do espectro autista (TEA)

1 INTRODUÇÃO

O presente escrito consiste em um recorte do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em pedagogia da faculdade venda nova do imigrante- FAVENI. Um dos interesses que motivou a escrita deste trabalho foi observar o crescente número de crianças que vêm sendo diagnosticadas com alguma síndrome e principalmente o TEA (transtorno do espectro autista). Observando essa realidade foi o que levou a pensar como as instituições de ensino observam essas crianças e adolescentes e se o diagnóstico precoce parte dessas instituições.

Dessa maneira, acreditamos que levantando um olhar a essa pesquisa, contribui para o repensar da escola, da formação de professores para terem um olhar “cirúrgico” diante de crianças que ainda não foram diagnosticadas e como contribuir para o processo de ensino aprendizagem após esse diagnóstico. Nesta perspectiva, a pesquisa também contribui para

¹Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Mestranda em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: daianadanubia18@gmail.com

mostrar a necessidade que a rede educacional possui em investir na inclusão dentro e fora das escolas.

Ter acesso à educação é um direito de todos, o que nos diz a Constituição Federal, desde a sua publicação em 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), confirma que todo cidadão deve ter direito de acesso a todos as instituições de ensino e o Artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). A primeira delas diz que “Toda a pessoa tem direito à educação”. Isso afirma que todos os indivíduos devem ter seus direitos sobre a educação assegurados, tendo pleno acesso ao ambiente escolar e à aprendizagem.

Com isso, todos os alunos com ou sem deficiência, assegurados perante a lei, possuem o direito de ir à escola e de aprender em todos os níveis de seu processo educativo. A inclusão das pessoas com alguma deficiência em escolas regulares de ensino é uma grande conquista, visto que não era essa realidade que tínhamos no passado, em que as pessoas com alguma deficiência eram consideradas como inválidas perante a comunidade de massa, como jornais, livros, empresas, ou seja, diante de toda sociedade eram tidas como pessoas sem utilidade e eram segregadas da sociedade

A lei nº 12.764, sancionada em dezembro de 2012 pela presidente na época Dilma Rousseff, diz respeito a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA – (Transtorno do Espectro Autista). Desde a sanção dessa lei, as pessoas com autismo têm direito de frequentar escolas regulares, e possuir um suporte especializado.

Dessa maneira, justificamos a pesquisa tendo em mente que se mostra cada vez mais necessário a escola enquanto instituição e o professor como corpo dessa instituição conseguir identificar seus alunos, sua forma de interação e aprendizagem, o que leva a um possível diagnóstico precoce ainda na primeira infância antes mesmo do olhar clínico, nesta visão escolar. Principalmente em crianças de creche, ainda na educação infantil. Mas, para que isso aconteça é extremamente necessário que os professores tenham conhecimento sobre, ou seja possuam formação continuada para aprimorar a forma de observar e de inovar em suas práticas pedagógicas.

A partir do presente exposto, a pesquisa pretende responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Qual o papel da instituição escolar para diagnóstico e aprendizagem da criança/adolescente com transtornos, em específico o TEA?*

Seguindo esse questionamento a fim de responder essa pergunta, o trabalho tem como objetivo geral: *investigar a relação da instituição escolar como contribuinte para diagnóstico precoce da criança TEA, e como contribui para o processo de ensino e aprendizagem.*

Em específico: A) *Identificar a partir de questionários com os responsáveis das crianças PCD, se a instituição escolar influenciou no seu diagnóstico. B) compreender como é o comportamento dessas crianças na escola e quais suas maiores dificuldades, C) Como a instituição escolar pode buscar melhorias para atender os alunos com TEA D) Destacar a importância do professor nesse processo.*

Sendo assim, o presente estudo consiste em dialogar com os respectivos responsáveis das crianças/jovens PCD, em específico as que foram diagnosticadas com TEA (Transtorno do espectro autista), através de questionários que foram aplicadas pela plataforma *Google formulário*, e encaminhadas em um grupo de WhatsApp que as famílias de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e/ou outros transtornos, possuem. A fim de compreender como aconteceu o diagnóstico da criança, se a escola pôde contribuir para esse diagnóstico precoce como também, compreender se a criança se desenvolveu

significativamente após o diagnóstico, e buscando compreender pela visão desses pais em que medida a instituição escolar poderia buscar melhorias para essas crianças/jovens.

3 METODOLOGIA

3.1 Classificação da pesquisa

Segundo o autor Gil (1999), para que uma pesquisa possa realmente ter um caráter científico, é necessário utilizar diferentes métodos, pois indicam quais meios são utilizados para a investigação.

Esta pesquisa é de base qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 16) comentam a respeito dessa pesquisa, “a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno do termo pesquisa qualitativa, encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições”.

É uma pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.

Do ponto de vista de seus objetivos, conforme aponta Gil (1991), é uma Pesquisa Exploratória: objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos (Gil, 1991), realiza um Levantamento: quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

3.2 Geração de dados

Existem diferentes diversas técnicas de coletas de dados, para realização de uma pesquisa, neste caso o questionário é uma dessas técnicas de gerar dados.

A fim de levantar dados e compreender a relação da escola com a criança/adolescente TEA, intuído refletir sobre a necessidade de um ambiente acolhedor e inclusivo, foi aplicado um questionário com um grupo de pais que possuem filhos que apresente autismo ou outra síndrome, foi enviado este questionário realizado pelo Google Formulário, contendo 14 questões, entre elas a aceitação ou não em participar da pesquisa.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Antes de realizar a pesquisa, os pais marcaram a opção no questionário que aceitaram participar, eles tiveram suas identidades preservadas e não era necessário colocar seus nomes, apenas sua identidade de gênero.

Todas as respostas analisadas foram dos participantes que aceitaram a pesquisa. A pesquisa foi realizada com um grupo de pais de crianças autistas e com outros transtornos do

município de Sumé-PB, este grupo intitulado Grupo Atipic@s Sumé, é um grupo em que estão reunidos boa parte dessas famílias do município que se apoiam em busca ajuda para seus filhos, realizam reuniões, neste grupo são colocados avisos a respeito de terapias e tudo que se relacionar para o bem-estar das crianças e adolescentes.

Todas as respostas analisadas foram dos participantes que aceitaram após lido o termo de consentimento realizar a pesquisa.

Desde já Agradecemos! Aceita participar desta pesquisa?
16 respostas

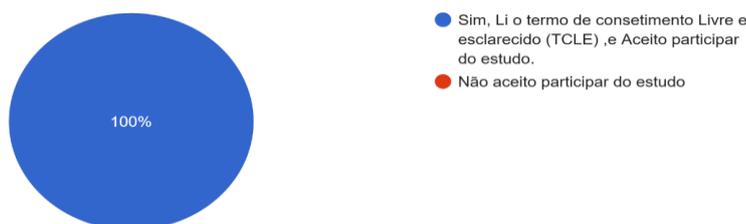


FIGURA 01 - TERMO DE ACEITE

Este grupo contém um total de 99 participantes, entre esses homens e mulheres, entre esse total 16 pessoas responderam à pesquisa, conforme a imagem acima do aceite ao termo de consentimento.

Entre os 16 participantes um total de 93,80 participantes eram do sexo feminino e 6,3 participantes do sexo masculino, o que contabiliza 15 mulheres respondentes e apenas um homem. Em relação ao Grau de escolaridade de cada respondente, observamos uma escala variada entre ensino médio e superior, que se estabelece entre os 16 respondentes, entre eles 56,3% responderam que possuíam o ensino médio, e 37,5% possuíam o ensino superior, nenhum dos respondentes possuíam apenas o ensino fundamental.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A instituição escolar e o processo de inclusão

A escola deve ser um espaço inclusivo para pessoas com deficiência (PCD), proporcionando acesso igualitário e condições adequadas de aprendizagem e convivência. Isso envolve adaptações de ambientes, materiais e métodos educacionais para atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo o respeito à diversidade e combatendo o preconceito. Instituições escolares inclusivas desempenham um papel crucial na transformação social ao formar cidadãos conscientes e solidários. Apesar dos desafios históricos de segregação e violência, os direitos das PCDs têm avançado com o reconhecimento da inclusão como um pilar fundamental para uma sociedade mais justa e igualitária.

Diante desse exposto os autores Braddock e Parish (2001) apud., Hosni (2016, p. 38) explana que:

Na Grécia Antiga no Império Romano, a ira dos deuses era tida como causa da deficiência quando essa era congênita, o que tornava aceitável a prática de sacrifício ou abandono do recém-nascido; já o deficiente que adquiriu sua condição no trabalho ou na guerra não recebia rótulo totalmente negativo, sendo satisfatoriamente integrado à sociedade, e algumas vezes, sendo destinatário de políticas de auxílio quando não era apto a trabalhar.

As pessoas com alguma deficiência eram punidas pelo simples fato de muitas vezes nascerem assim, ainda complementa sobre essa visão Costa e Fuzzeto (2017, p. 403), essas pessoas eram eliminadas da sociedade.

A eliminação dos cegos e dos considerados inválidos não se dava somente pelas difíceis condições de vida da época. Nas sociedades primitivas, acreditava-se que as pessoas cegas eram possuídas por espíritos malignos e manter uma relação com essas pessoas significava manter uma relação com um espírito mau.

Na antiguidade, pessoas que não atendiam aos padrões sociais aceitáveis, como os que não podiam lutar, eram frequentemente excluídas ou mortas, com a concordância de suas famílias. Essa realidade começou a mudar com o crescimento do cristianismo, que, seguindo os ensinamentos de Cristo, bem nos traz Costa e Fuzzeto (2017, p. 404) passou a ver todos os seres humanos como imagem e semelhança de Deus, dignos de amor e misericórdia divina. Com isso, a Igreja Católica criou instituições para cuidar de pessoas com deficiência. Mas, mesmo com essa visão na idade média, essas pessoas ainda eram tratadas como fruto do pecado, e pelo lado divino usadas como justificativa para cometem crueldades.

Argumentam Zavarese apud., Costa e Fuzzeto (2017, p. 404): Durante o período feudal, na era cristã o corpo diferente continua sendo relegado. O moralismo católico traduzia os deficientes como figuras representativas do pecado e as colocava diante da fogueira da inquisição. A dicotomia entre corpo diferente/alma reforçava a ideia da alma percebida como templo de Deus e corpo visto como oficina do Diabo.

Na Idade Moderna, a deficiência começou a ser vista como doença, necessitando de cuidados e tratamentos especiais. Esse entendimento foi possibilitado pelos avanços filosóficos e científicos da época, especialmente nos estudos de anatomia Costa e Fuzzeto (2017, p. 404). A Revolução Francesa, com seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, impulsionou o início da inclusão social. Segundo Braddock e Parish, apud., Hosni (2016, p. 39) explanam que no século XVIII, o Iluminismo promoveu novas instituições e ferramentas para melhorar a vida das pessoas com deficiência. Durante este período, iniciou-se a educação para surdos, a distinção entre deficiência intelectual e doença mental, e a criação de asilos e hospitais para deficientes, se espalhando pela Europa e Américas coloniais britânicas.

Apesar dos avanços históricos na luta pela inclusão das pessoas com deficiência, a discriminação persistiu por séculos, exacerbada durante eventos como a Segunda Guerra Mundial, onde indivíduos considerados desviantes do padrão social foram alvos de extermínio. A resposta a essas práticas desumanas culminou na Declaração Universal dos Direitos Humanos, promovendo a igualdade e a proteção dos direitos fundamentais de todos.

A partir da década de 1950, movimentos sociais passaram a exigir tratamento não discriminatório para pessoas com deficiência, impulsionando políticas assistenciais e educacionais nas décadas seguintes. No Brasil, marcos como a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos e a Lei nº 7.853/1989 foram passos significativos rumo à inclusão social. Apesar dos avanços legais, persistem desafios como a pobreza e a falta de acesso, refletindo a necessidade contínua de promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo para todos.

2.2 Transtorno do espectro Autista – (TEA)

Os estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) estão aumentando, com um desenvolvimento constante e crescente busca por aprofundamento sobre o autismo. O número de diagnósticos de TEA em crianças e adolescentes continua a crescer, representando um desafio para neurologistas, especialistas e a rede educativa em geral.

De acordo com o jornal da Unesp (2023), houve um aumento de 280% no número de estudantes com TEA matriculados em escolas entre 2017 e 2021. O CDC (Centers for Diseases Control and Prevention) (2023), relata que 1 em cada 36 crianças aos 8 anos é diagnosticada com TEA. Relacionando esses dados ao Brasil, observa-se um crescimento contínuo de casos.

O autismo foi descrito pela primeira vez segundo Mello (2001) em 1943 por Dr. Léo Kanner, seguido por Hans Asperger em 1944. Ambos identificaram características do autismo, apesar de algumas variações em seus estudos. Na década de 1960, a psiquiatra Lorna Wing descreveu a "Tríade do Autismo", destacando problemas na socialização, comportamento e comunicação.

Um marco importante foi a fundação da Associação de Amigos do Autista (AMA) em 1983, em São Paulo. Mello (2001) define o autismo como uma síndrome com desvios qualitativos na comunicação, interação social e uso da imaginação, presentes desde a primeira infância. Szabo (1992) e Silva, Gaiato e Reveles (2012) reforçam que o autismo é uma condição que se manifesta antes dos três anos de idade e persiste ao longo da vida.

As causas do autismo ainda são desconhecidas, mas podem estar relacionadas a fatores genéticos, alimentares ou problemas durante a gestação ou parto. Segundo Keinert & Antoniuk

(2012), o autismo é um dos diagnósticos mais complexos, sem exames clínicos conclusivos, e frequentemente difícil de ser comunicado aos pais.

Os sintomas do autismo aparecem na primeira infância, tornando essencial o diagnóstico precoce. Os critérios diagnósticos incluem déficits na socialização, comunicação e comportamentos repetitivos. A criança com autismo pode apresentar dificuldade em interagir socialmente, comunicar-se verbalmente e não verbalmente, e tem interesses restritos e repetitivos.

Keinert e Antoniuk (2012) destacam a importância do diagnóstico por faixa etária, auxiliando na identificação precoce e intervenção. Os sintomas do TEA podem variar em intensidade, classificando-se como leve, moderado, grave ou Síndrome de Asperger. A interação social é uma característica comum entre autistas, independentemente do grau. Estudos contínuos são necessários para melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo, com investimentos em saúde e educação para assegurar igualdade de oportunidades e direitos. Por isso, é tão fundamental um diagnóstico ainda precoce, a observação, acompanhamento é essencial pois quanto mais cedo se descobre, maiores são as chances de correção das disfunções oriundas da condição.

4.1 Perfil das crianças com espectro Autista e outras síndromes

O autismo, um transtorno invasivo do desenvolvimento, frequentemente associado a diversas síndromes, é um tema amplamente estudado e discutido na atualidade, visando melhorar a qualidade de vida das pessoas afetadas. Manifesta-se desde os primeiros dias de vida, mas diagnósticos precoces são desafiadores e requerem acompanhamento profissional durante as interações iniciais da criança. A análise das respostas dos pais e responsáveis de crianças autistas e com outros transtornos oferece uma base para nossa compreensão, destacando variações no tipo de transtorno, idade e sexo entre os 16 participantes da pesquisa.

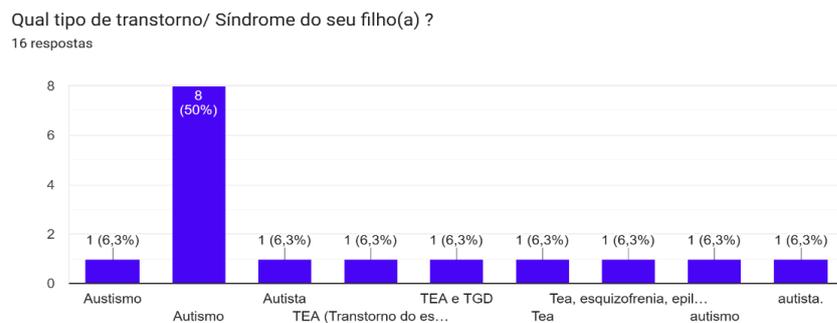


FIGURA 02- GRÁFICO- TIPO DE TRANSTORNO DA CRIANÇA

O gráfico mostra que, entre os 16 participantes pesquisados, o transtorno mais comum é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), com 14 crianças diagnosticadas. Duas dessas crianças possuem outras síndromes: uma com TEA e Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), e outra com TEA, esquizofrenia, epilepsia, retardo, TDAH, TOD, e transtorno de humor.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), anteriormente conhecido como TGD, foi reclassificado após a revisão do DSM em 2013. Este transtorno afeta a interação social, fala e motricidade, frequentemente apresentando comorbidades neuropsiquiátricas que impactam tanto a saúde física quanto mental das crianças autistas. O diagnóstico de comorbidades é desafiador devido à sobreposição de sintomas com o TEA. O gráfico revela uma maior prevalência de autismo e outras síndromes em meninos do que em meninas, com idades variando de dois a dez anos. Um diagnóstico precoce, antes dos três anos, pode facilitar o desenvolvimento da criança, melhorando suas habilidades e reduzindo o risco de comorbidades adicionais. Essa abordagem precoce é crucial para o desenvolvimento integral do indivíduo com autismo.

4.2 processos de diagnóstico e papel da instituição escolar nesse processo

Diagnosticar o autismo é um processo complexo que avalia vários aspectos do comportamento e desenvolvimento infantil. O autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição neurológica que afeta comunicação, interação social e comportamento. O diagnóstico é baseado na observação de diversos comportamentos, não em um único teste.

A tabela abaixo ilustra o processo de diagnóstico das crianças autistas, destacando a variabilidade dos comportamentos e comorbidades. Cada criança apresenta diferentes características, e a coexistência de outras condições reforça a importância de um período de observação para garantir o tratamento adequado.

Como e com quantos anos você descobriu o diagnóstico do seu filho (a)?

1	3
2	com 2 anos.
3	O primeiro foi com 1ano e seis meses/o outro foi com 1,3meses.
4	Na introdução alimentar, ele não aceitava nenhuma comida, tudo vomitava ou se engasgava, aleitamento materno exclusivo até 1 ano e 3 meses, não balbuciava, não ria para ninguém, girava objetivos, começou andar nas pontas dos pés, até hoje anda, gira muito pelo corpo, hiperativo, teve episódios de crise de ausência...
5	2 anos e 3 meses
6	Ainda está em investigação
7	O laudo foi fechado aos dois anos e quatro meses, porém antes dela fazer dois anos, eu já desconfiava
8	Descoberta com 02 anos, chorava muito, não olhava para ninguém...
9	Através do comportamento dele, recebi o diagnóstico com 2 anos e meio.
10	8 anos, por conta do comportamento na escola e em casa
11	Ela tinha irritabilidade com barulho
12	1 ano e 9 mês
13	Com 3 anos, atrás de umas amiga que mim orientou a procurar um neurologista
14	3 anos
15	5 anos
16	3

Tabela 01- produzido pelo autor. Diagnóstico da criança

A tabela acima fornece dados sobre o diagnóstico de crianças autistas, com idades variando de 1 a 5 anos, incluindo algumas ainda em investigação. Um participante mencionou ter mais de um filho autista, diagnosticados nos primeiros anos de vida. O diagnóstico de autismo pode variar em sua apresentação, como ilustrado pelo participante nº4, que relatou sintomas como dificuldade alimentar, atraso na fala, e comportamento repetitivo.

Seletividade alimentar é comum em crianças autistas, com cerca de 80% apresentando esse transtorno devido à hipersensibilidade sensorial e resistência à mudança, conforme Russo (2020). Outro participante, nº11, mencionou que o diagnóstico de sua criança foi devido à irritabilidade com barulho, um exemplo de hipersensibilidade sensorial comum no autismo.

O diagnóstico pode ocorrer em casa ou na escola. O participante nº10 relatou o diagnóstico aos 8 anos, devido a comportamentos observados em ambos os ambientes. Já o participante nº13 foi orientado por uma amiga a procurar um neurologista devido ao comportamento da criança. Muitas vezes, a instituição escolar desempenha um papel crucial ao identificar e comunicar aos pais sobre comportamentos diferentes, como visto em vários relatos.

A escola teve participação no diagnóstico da sua criança?

Ao responderem sobre a pergunta acima, revela que a maioria dos participantes (10 de 16) respondeu afirmativamente, destacando a importância da instituição escolar no processo de diagnóstico do autismo. Dentre os que responderam "Sim", dois participantes ressaltaram que a escola não apenas participou, mas também ajudou significativamente no diagnóstico. Além disso, dois participantes mencionaram que o diagnóstico foi fechado após a escola fornecer relatórios detalhados. Por outro lado, seis participantes indicaram que a escola não teve participação no diagnóstico. Esses dados enfatizam o papel crucial que as instituições escolares podem desempenhar na identificação e suporte a crianças com TEA, mas também mostram que essa contribuição não é universalmente experienciada.

observamos que muitos pais afirmam que a escola ajuda no diagnóstico do autismo. A instituição escolar desempenha um papel crucial, pois é onde a criança interage socialmente fora do ambiente familiar. O diagnóstico precoce e a intervenção adequada no ambiente escolar são essenciais para o desenvolvimento cognitivo e habilidades de aprendizagem, melhorando significativamente os resultados a longo prazo para as pessoas com autismo. Com apoio e recursos adequados, essas pessoas podem viver vidas plenas e significativas

Sobre a pergunta: Você considera a instituição escolar importante para o diagnóstico precoce da criança PCD?

Em análise ao questionário, mostra que a maioria dos participantes (14 de 16) considera a escola fundamental no diagnóstico precoce. Muitos destacam a importância da escola em reforçar as observações dos pais e contribuir significativamente para a identificação precoce das necessidades da criança. Dois participantes ressaltam que, além da escola, o papel da família é igualmente crucial. Apenas dois participantes não consideram a escola importante nesse processo. Esses dados sublinham a percepção geral de que a colaboração entre escola e família é essencial para um diagnóstico precoce eficaz.

Sobre a pergunta :Como você descreveria o comportamento do seu filho na escola? Quais as principais dificuldades?

Sobre essa pergunta revela-se uma variedade de desafios enfrentados pelas crianças. A socialização é uma dificuldade comum, mencionada por vários pais, com crianças preferindo ficar sozinhas ou tendo dificuldades em interagir com os colegas. A agressividade e a hiperatividade são outras questões relatadas, afetando a concentração e a capacidade de seguir instruções. Alguns pais observam que seus filhos não participam de atividades comuns, como usar lápis, ou têm dificuldades específicas de fala e comunicação. Embora alguns pais mencionem comportamentos carinhosos e afetuosos, eles também destacam a falta de foco e a incapacidade de permanecer sentado por longos períodos. Em resumo, as dificuldades principais incluem socialização, agressividade, hiperatividade, concentração e comunicação, todas afetando a experiência escolar das crianças de diferentes maneiras.

Sobre a pergunta: Como a escola tem ajudado no desenvolvimento do seu filho(a)?

A análise das respostas dos responsáveis revela diferentes perspectivas sobre o desenvolvimento de crianças com autismo na escola. Destaca-se a observação do participante nº04 sobre como a instituição escolar pode impactar positivamente na personalidade da criança autista, ensinando limites, escuta, conversação e partilha com colegas. O participante nº05 também ressalta a influência positiva da escola no desenvolvimento de sua criança, especialmente na interação social e independência.

As escolas desempenham um papel essencial ao proporcionar um ambiente seguro e estruturado para aprendizagem e interação social de crianças com autismo. Com planos educativos personalizados, elas atendem às necessidades individuais, promovendo competências acadêmicas, sociais e para a vida. A interação com colegas na escola é fundamental para melhorar habilidades de comunicação e compreensão social. A presença de cuidadores em sala de aula, como observado pelo participante nº07, é crucial para auxiliar no desenvolvimento da criança, oferecendo suporte com regras, organização e socialização. A

equipe preparada, incluindo professores e cuidadores, desempenha um papel essencial ao oferecer apoio emocional e educacional, facilitando o crescimento das crianças com autismo.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenha um papel crucial ao proporcionar um ambiente adaptado às necessidades individuais, promovendo inclusão e participação ativa na escola regular. Com estratégias pedagógicas diferenciadas, o AEE facilita a compreensão e a aquisição de conhecimento, ajudando as crianças com autismo a alcançar seu máximo potencial de desenvolvimento. Em resumo, as escolas são fundamentais para o desenvolvimento saudável e produtivo de crianças com autismo, oferecendo suporte integral através de equipes especializadas e ambientes adaptados às suas necessidades específicas.

Sobre a pergunta: *Sua criança possui atendimento educacional especializado? Quantos dias por semana?*

Os dados revelam uma variedade significativa na frequência e no tipo de atendimento educacional especializado recebido pelas crianças. A maioria das respostas indica que as crianças têm acesso a algum tipo de atendimento, sendo comum a frequência de uma vez por semana até três vezes por semana. Há uma clara preocupação demonstrada por alguns responsáveis, como no caso da resposta "Nenhum, ele está sem vagas para terapia e creche", refletindo desafios na disponibilidade de serviços especializados. Por outro lado, respostas detalhadas, como "Sim segunda quarta e sexta", indicam um cronograma específico de atendimento, sugerindo um planejamento cuidadoso para garantir suporte regular às necessidades educacionais das crianças. Esses dados destacam a importância do acesso consistente ao atendimento especializado para promover o desenvolvimento e o bem-estar das crianças com necessidades educacionais específicas.

Em relação a pergunta: *Após o diagnóstico conseguiu observar avanços significativos? quais foram os mais pontuais?* os pais responderam diferentes apontamentos.

A análise dos relatos na tabela revela avanços significativos após o diagnóstico de crianças com autismo. Muitos responsáveis destacaram melhorias na comunicação verbal, como "Sim a fala", "Fala bem explicado" e "Começou a me olhar, falar mais", indicando desenvolvimento crucial na capacidade de expressão e interação social. Além da fala, progressos notáveis incluem socialização e habilidades para seguir rotinas e regras, mencionados em respostas como "Passou a interagir com outras crianças" e "Obedecer a comandos simples".

A resposta mais detalhada destacou conquistas como independência em atividades diárias e aceitação de novas experiências, ilustrando um crescimento abrangente na autonomia

e adaptação. No entanto, alguns relatos também evidenciaram desafios persistentes, como dificuldades comportamentais e emocionais, sublinhando a complexidade contínua no manejo do autismo. Esses achados reforçam a importância do diagnóstico precoce e de intervenções personalizadas para maximizar o potencial de desenvolvimento das crianças com autismo.

Como podemos observar, sobre a pergunta: *Você acha que a escola pode melhorar para atender às necessidades do seu filho? Quais recursos adicionais você acha que poderiam ajudar seu filho* demonstra a fala dos participantes a respeito do que poderia ser melhorado nas instituições escolares para receber suas crianças, mas podemos observar a fala que se repete entre muitas é a necessidade de melhorar a capacitação dos servidores, quando proporciona cursos, disponibilizar profissionais capacitados para saber lidar com as especificidades das crianças autistas, como também na quantidade de profissionais que ainda é pouca.

Dessa forma observamos como é importante ter profissionais capacitados nas escolas para trabalhar com alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA). Esses profissionais são essenciais para favorecer um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz. Pois na instituição escolar eles devem ter o conhecimento para compreender as necessidades especiais de seus alunos e podem usar estratégias de ensino para aprimorar o aprendizado. Portanto, formar profissionais da educação para abordar o TEA, é um investimento fundamental na educação inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar como a instituição escolar influencia no desenvolvimento e aprendizagem de crianças autistas, com base nas falas dos responsáveis participantes da pesquisa. Os dados revelaram insights relevantes que podem orientar melhorias na escola, como propostas para aprimorar a inclusão e o suporte educacional.

A pesquisa também evidenciou que o autismo é mais comum em meninos e destacou a importância do diagnóstico precoce na idade correta, o que pode impactar positivamente o desenvolvimento cognitivo e educacional das crianças, aproveitando a plasticidade cerebral.

Os resultados refletiram a satisfação de muitos pais com o progresso de seus filhos após o diagnóstico, mas também revelaram desafios enfrentados. Isso reforça a necessidade crucial de capacitar profissionais da educação, dado o aumento na demanda por uma educação inclusiva de qualidade. Esses profissionais devem ser especializados, compreendendo as necessidades específicas dos transtornos do espectro autista e suas comorbidades, e estar preparados para manejar situações de desregulação.

Portanto, investir em formação continuada é essencial para que os educadores possam implementar estratégias de ensino adaptadas que maximizem o potencial de aprendizado desses

alunos, promovendo uma inclusão escolar eficaz que leve em conta o contexto e as particularidades de cada criança autista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

COSTA, Francisco Lozzi Da; FUZETTO, Murilo Muniz. As pessoas com deficiência e a inclusão social: evolução histórica e ações afirmativas. In: CAMPELLO, Livia Gaigher Bosio; LANNES, Yuri Nathan da Costa (Coord.). Anais do V Congresso Nacional da FEPODI. Florianópolis: FEPODI, 2017.

GIL, Antônio Carlos. Projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HOSNI, Davi S.S. O conceito de deficiência e sua assimilação legal. In: PEREIRA, Fábio Queiroz; MORAIS, Luísa Cristina de Carvalho; LARA, Mariana Alves (Orgs.). Teoria das incapacidades e o Estatuto da pessoa com Deficiência. Belo Horizonte: Editora D' Palácio, 2016.

JORNAL DA UNESP. Com número de diagnósticos em crescimento vertiginoso, Transtorno do Espectro Autista ainda é desafio para pesquisa neurológica. 15 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.jornaldaunesp.com.br/noticias/autismo-desafio-pesquisa-neurologica>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sergio Antonio. Espectro autista: o que é? O que fazer? Curitiba: Editora Íthala, 2012.

SZABO, Cleusa Barbosa. Autismo: um mundo estranho. 1. ed. São Paulo: Editora EDICON, 1992.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático. 2. ed. Brasília: Coordenadoria Nacional Para Integração Da Pessoa Portadora De Deficiência – CORDE, 2001.

NEUROSABER, Instituto. Transtorno global do desenvolvimento: entenda o que é. 08 abr. 2020. Disponível em: <<https://neurosaber.com.br/transtorno-global-do-desenvolvimento/>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

RUSSO, Fabiele. Dificuldades alimentares no autismo. NEURO+CONECTA, 2020. Disponível em: <<https://neuroconecta.com.br/dificuldades-alimentares-no-autismo/>>. Acesso em: 05 jan. 2024.